



PUC Minas

CENÁRIOS PUC MINAS

Conjuntura Internacional

Ano 5 • nº 02 • 17 a 22/02/08 • ISSN1809-6182

Resenhas

20/02/2008 - Eleições no Paquistão..... p.01

Em meio a tensões políticas e crescentes ataques terroristas, aconteceram na segunda-feira, 18 de fevereiro de 2008, as eleições parlamentares paquistanesas que elegeram o novo governo, que deverá restabelecer a estabilidade política do país.

20/02/2008 - Prévias eleitorais estadunidenses p.04

O presidente do Timor Leste, José Ramos-Horta, sofreu atentado supostamente provocado por soldados leais ao seu principal rival político, Alfredo Alves Reinado.

25/02/2008 - Atentado ao presidente timorense p.07

Começou, em janeiro de 2008, o processo para escolha dos candidatos às eleições presidenciais dos Estados Unidos. Cada estado realiza suas prévias em datas diferentes, e ainda está indefinido quais serão os candidatos de cada partido.

Eleições no Paquistão

Resenha
Segurança
Anna Claudia de Santana Menezes
20 de fevereiro de 2008

Em meio a tensões políticas e crescentes ataques terroristas, aconteceu na segunda-feira, 8 de fevereiro de 2008, as eleições parlamentares paquistanesas que elegerão o novo governo, que deverá restabelecer a estabilidade política do país.

Na segunda-feira, dia 18 de fevereiro, o Paquistão foi às urnas em uma eleição que teve como objetivo a restauração da democracia após 8 anos de governo militar.

Originalmente, as eleições estavam marcadas para ocorrer no dia 8 de janeiro, porém o atentado que culminou na morte da líder do Partido do Povo do Paquistão (PPP) e ex-premiê, Benazir Bhutto, adiou o pleito para 18 de fevereiro. O atentado aconteceu no dia 27 de dezembro no parque Liaquat, na cidade de Rawalpindi, cerca de Islamabad, capital do país.

Ainda existe uma controvérsia sobre como realmente a líder do partido morreu. A importância em se esclarecer esse fato é que se Bhutto foi morta por causa de um tiro disparado pelo terrorista isso confirmará a tese dos seus aliados de que o governo está por trás do atentado. Se, no entanto, a ex-Primeira-Ministra tiver morrido devido à um choque no crânio isso minará a teoria de conspiração.

De acordo com o relatório da Scotland Yard¹, solicitada para esclarecer a polêmica, Benazir Bhutto morreu devido a uma batida na cabeça devido à força da explosão. Essa mesma opinião é compartilhada pelo ex-governo do

presidente Pervez Musharraf.

Os partidários da ex-premiê, contudo, não concordam com o documento e argumentam que ela morreu por ter sido baleada no crânio. Essa opinião é sustentada porque de acordo com os aliados havia um conluio da administração de Musharraf contra a vida de Bhutto devido às suas opiniões e militância contrárias à administração.

Além disso, insistem que é necessária uma investigação conduzida pela Organização das Nações Unidas (ONU), porque só ela possui a credibilidade para responder a questões ainda não solucionadas.

Bhutto havia regressado ao país após 8 anos de auto-exílio, com o intuito de evitar ser levada à Justiça por denúncia de corrupção, para concorrer às eleições. Ela foi a primeira mulher a governar o Estado islâmico, e permaneceu no cargo durante dois mandatos (1988-1990 e 1993-1996), sem no entanto completar nenhum deles por ter sido acusada de corrupção.

Com o seu assassinato, a imagem da líder do PPP tornou-se presença constante nas principais cidades paquistanesas, pois muitos acreditam que ela morreu como mártir, sacrificando-se por sua pátria. Segundo um jovem paquistanês em entrevista à BBC, "Benazir deu a vida dela por nós, daremos a nossa por ela". Todavia, observadores internacionais não acreditavam que isto pudesse ser o suficiente para elevar o comparecimento

¹ Quartel-general do Serviço Policial Metropolitano, responsável pelo policiamento da cidade de Londres.

da população à eleição, que foi contabilizado entre 30% e 40% nas últimas votações. O percentual de presença populacional na eleição de 18 de fevereiro correspondeu às expectativas dos observadores e se manteve igual às porcentagens dos pleitos anteriores.

Espera-se que a votação consiga eleger um governo capaz de equacionar a crise na qual o Paquistão se encontra há um ano, caracterizada pela repressão do governo e o número cada vez mais elevado de ataques terroristas. O ano de 2007 foi o mais violento dos últimos anos, com mais de 800 pessoas assassinadas e centenas de atentados realizados. Estes são ligados à rede terrorista Al Qaeda² que, de acordo com oficiais do Departamento de Estado dos Estados Unidos da América (EUA), encontrou refúgio no Paquistão e, hoje, age em parceira com grupos extremistas locais.

O Estado islâmico está presenciando o surgimento de um novo tipo de grupo terrorista, mais radical que defende a jihad³ e tem se aliado a terroristas internacionais com o intuito de desestabilizar governos pró-Ocidente. Se comparado a outros grupos insurgentes, este é mais violento, de cunho mais ideológico, e mais difícil de ser desarticulada. Essa dificuldade se encontra no fato de que há uma coordenação e comunicação bem articulada entre os membros mais.

Membros da Al Qaeda que fugiram para o Paquistão após a invasão dos EUA no

Afeganistão em 2001⁴ criaram laços com esses grupos, muitas vezes financiando-os e treinando-os. O governo tem realizado operações conjuntas com o Afeganistão para combater os terroristas.

O clima de tensão se intensificou no país a quantidade de atentados cresceu e os candidatos não fazem comícios por medo de que sejam alvo dos ataques. Além disso, há o temor de que a eleição seja fraudada para que o pleito não seja vencido por partidos da oposição que desejam o *impeachment* do presidente paquistanês. Respondendo a essas apreensões, Pervez Musharraf declarou que as votações seriam "livres, justas e dentro do prazo" e que "nós vamos ter um governo estável eleito democraticamente e com esse governo garantiremos uma luta bem-sucedida contra o terrorismo e extremismo".

O presidente general Pervez Musharraf assumiu a presidência do país em 1999 após comandar um golpe de estado contra o então presidente Nawaz Sharif. Sharif, principal líder da oposição, exilou-se na Árabe Saudita por oito anos, voltando ao Paquistão em 2007, mas não pôde se candidatar à votação porque, segundo a comissão eleitoral, ainda existem acusações legais que o tornam inelegível.

Sharif é líder do partido Liga Mulçumana do Paquistão-N (PML-N), criado em 1962 como herdeiro da Liga Mulçumana, que formou o Paquistão em 1947. Juntamente com o PPP formam a oposição que disputa a eleição com a Liga Muçulmana do Paquistão-Q (PML-Q), partido que apóia o presidente.

Musharraf tentou desmembrar a coligação de Sharif, porém não conseguiu, e o PML-N se tornou, na eleição de 2002, a quarta maior força política do país. O partido

² Al Qaeda é uma rede terrorista que pretende, entre outras metas, acabar com a influência do Ocidente em países muçumanos. É responsável pelo atentado de 11 de setembro de 2001 ocorrido EUA.

³ Guerra Santa que possui como meta primordial o regresso do grande império árabe composto durante a Idade Média na região do Oriente Médio. Com tal objetivo atingido, a guerra se expandiria para todo o mundo. Visa o estabelecimento do islamismo no mundo, pois libertaria as pessoas para a verdade do Al Corão.

⁴ Em nome da "guerra contra o terror", segundo declaração do presidente George W. Bush, os EUA invadiram o Afeganistão sob a alegação de que o Taleban, grupo que governava o país, possuía ligações com a Al Qaeda.

defende um Estado que se oriente pelas regras do Corão, e tem crescido nas pesquisas de intenção de voto.

O Partido do Povo do Paquistão (PPP), que era dirigido por Benazir Bhutto até seu assassinato, possui um viés populista e defende uma boa relação com o Ocidente. O comando do partido foi assumido pelo marido de Bhutto, Asif Ali Zardari, e pelo filho Bilawal Bhutto, que se tornou o novo presidente.

O PML-Q foi fundado com o apoio de Musharraf em 2001 e possui uma linha de centro-direita. O candidato do partido era Chaudhry Shujaat Hussein.

O governo de Pervez Musharraf foi pautado por repressões políticas e declínio no crescimento econômico do país. A crise se instalou quando o presidente decretou estado de emergência no dia 3 de dezembro de 2007 sob a alegação de que a Suprema Corte estaria impedindo o combate ao terrorismo. A oposição argumenta que Musharraf tomou tal atitude para impedir que sua popularidade continuasse declinando e ele não se visse obrigado a renunciar. Dias depois foi divulgada uma pesquisa de opinião que declarou que 67% da população queriam a renúncia do presidente. Em 15 de dezembro, Musharraf cancelou o decreto.

A Secretaria da Comissão Eleitoral declarou que somente divulgaria o resultado final do pleito de segunda-feira uma vez que tivesse "finalizado a apuração em todos e cada um dos colégios eleitorais". Três dias após a votação, a comissão anunciou o resultado: a coligação de Benazir Bhutto conseguiu 87 dos 268 assentos na Assembléia Nacional; O PML-N, de Nawaz Sharif, possui 66; e o PML-Q, apenas 40.

Musharraf declarou aos senadores estadunidenses em visita ao país que aceitava a derrota de seu partido. Já Asif Ali Zardari, viúvo de Bhutto e um dos líderes do PPP, anunciou seu partido como o vitorioso e afirmou que não há

outro capaz de trazer de volta estabilidade ao país. Além disso, concordou em formar um governo de coalizão com o partido de Sharif.

O novo governo deverá desmembrar as redes terroristas que existem em grande número no país, restaurar a economia e propiciar um ambiente político pautado pela democracia e estabilidade.

Referência

Sites:

BBC

<http://www.bbcnews.co.uk>

Metropolitan Police

<http://www.met.police.uk/>

The Associated Press

<http://www.ap.org>

The New York Times

<http://www.thenytimes.com>

International Republican Institute

<http://www.iri.org>



Ver Também:

15-11-2007: Paquistão se aproxima de eleições sob estado de emergência

06-10-2004: Paquistão e o terrorismo

Prévias eleitorais estadunidenses

Resenha
Segurança

Celeste Cristina Machado Badaró
20 de fevereiro de 2008

Começou, em janeiro de 2008, o processo para escolha dos candidatos às eleições presidenciais dos Estados Unidos. Cada estado realiza suas prévias em datas diferentes, e ainda está indefinido quais serão os candidatos de cada partido.

A corrida presidencial estadunidense para as eleições de 2008 já se iniciou. Desde janeiro de 2008, está em andamento um processo que terminará em meados do ano, para definir os candidatos às eleições de novembro.

O sistema eleitoral estadunidense [ver também: [Estados Unidos: Sistema Eleitoral](#)] prevê que os candidatos à Casa Branca devem ser escolhidos através de prévias realizadas no primeiro semestre do ano eleitoral. Cada estado realiza suas primárias em datas diferentes, e pode fazê-las de duas formas: primárias ou *caucus* (na primeira forma, todos os eleitores votam, na segunda, apenas os militantes do partido). Independentemente da forma de votação, os eleitores votam nos delegados que, por sua vez, escolhem o candidato a presidente na convenção nacional do partido.

Na disputa democrata, ainda há uma grande indefinição de qual será o candidato do partido. Os dois pré-candidatos, os senadores Hillary Clinton e Barack Obama, tinham, em 11 de fevereiro de 2008, 1104 e 1085 delegados, respectivamente, sendo que são necessários 2025 delegados para garantir a candidatura. Se nenhum dos candidatos conquistar este número de delegados, o representante do Partido Democrata será escolhido na Convenção Nacional do partido, que acontecerá no segundo

semestre deste ano.

Hillary representa o primeiro caso em que uma ex-primeira dama assumiu um cargo público elegível. Esposa de Bill Clinton, presidente estadunidense de 1992 a 2000, ela foi eleita para o Senado pelo estado de Nova York em 2000 e reeleita em 2006. Já Obama é um político de ascensão meteórica era legislador no estado de Illinois até se candidatar ao Senado de última hora, após escândalos de corrupção envolvendo os candidatos. Obama foi eleito senador por Illinois em 2004.

Já no Partido Republicano, é quase certo que o senador John McCain seja escolhido, uma vez que tinha, em 11 de fevereiro de 2008, 719 dos 1191 delegados necessários para garantir sua candidatura. Seu concorrente mais próximo, o ex-governador do Arkansas Mike Huckabee, que tinha na mesma data apenas 234 delegados, e vem sofrendo grande pressão para desistir da campanha e assegurar a unidade do Partido Republicano¹.

McCain é considerado um herói de guerra nos Estados Unidos (EUA), por ter sido prisioneiro por cinco anos durante a Guerra no Vietnã, quando era piloto da

¹ Outros candidatos republicanos desistiram da candidatura ao longo das prévias: o ex-prefeito de Nova York, Rudolph Giuliani, em janeiro de 2008, e o ex-governador de Massachusetts, Mitt Romney, no mês seguinte.

marinha. McCain se aposentou das forças armadas e entrou para a vida política do país na década de 1980, tendo exercido diversos cargos legislativos desde então. Huckabee, cujas chances de se tornar candidato à presidência são pequenas, é um pastor batista e ex-governador do estado do Arkansas.

Enquanto o Partido Republicano busca a união, o Democrata se divide entre seus dois concorrentes, que estão praticamente empatados no número de delegados e nas pesquisas de intenção de votos. Os democratas saíram fortalecidos das últimas eleições para composição do Congresso Nacional, em 2006, ao conseguirem a maioria das cadeiras. No entanto, o partido deve buscar o máximo de união possível, já que terá ou uma mulher ou um negro como candidato, e nunca houve um presidente estadunidense de nenhum dos dois grupos e o partido deverá quebrar preconceitos de qualquer forma.

O Partido Democrata ganhou força devido à rejeição crescente nos EUA ao atual presidente, o republicano George W. Bush, e à principal ação de política externa de seu governo, a Guerra no Iraque. Tanto Clinton quanto Obama defendem a retirada das tropas estadunidenses do Iraque.

Hillary Clinton, provavelmente para se desvincular das críticas que recebe por ter votado a favor de uma ação militar no Iraque como senadora, tem a proposta mais ousada: iniciar a retirada em janeiro de 2009 e terminá-la em 60 dias. Já Barack Obama defende que as tropas devem se retirar aos poucos, ao longo de 16 meses a começar em janeiro de 2009.

Os candidatos republicanos, por sua vez, apóiam a manutenção das tropas estadunidenses no Iraque por quanto tempo for necessário, sem previsão de retirada. Segundo McCain, "muitos erros foram cometidos por líderes militares e civis (...) eu não posso reagir a esses erros tomando um curso de ação que seria um

erro ainda maior.".

Outro ponto de discordia entre os candidatos democratas e republicanos é sobre qual ação deve ser tomada para combater uma provável recessão que poderá abalar a economia estadunidense, após a crise financeira iniciada em julho de 2007 [ver também: [A crise imobiliária estadunidense e seus reflexos](#)]. Tanto Clinton quanto Obama defendem a criação de um pacote de ação emergencial de 70 bilhões de dólares para estimular a economia. Já McCain defende que o governo não deve simplesmente "jogar dinheiro" na economia para resolver a situação.

Os candidatos dos dois partidos também divergem com relação à questão da emissão de gases estufa. O atual presidente se recusa a assinar o Protocolo de Kyoto, postura que será mantida se o eleito for Huckabee ou McCain. Clinton e Obama, por outro lado, defendem a diminuição imediata das emissões de gás carbônico.

As propostas de Clinton e Obama se assemelham em pontos importantes, e ainda persiste uma indefinição sobre qual dos dois será candidato pelo Partido Democrata. É provável que só se saibam quais serão os candidatos à presidência estadunidense em meados de 2008, já que vários estados populosos (com muitos delegados) ainda não realizaram suas prévias, como Ohio, Texas e Pensilvânia.

Cabe lembrar que ainda irão surgir os candidatos independentes, que não pertencem aos partidos Republicano e Democrata. Por isso, as eleições presidenciais de 2008 ainda estão longe de uma definição.



Referência

Sites:

BBC News

<http://www.bbc.co.uk/>

Reuters Brasil

<http://www.reuters.com>

The Guardian

<http://www.guardian.co.uk>

Ver também:

08/10/2004 - [Estados Unidos: sistema eleitoral](#)

30/11/2006 - [Estados Unidos: Eleições Legislativas de 2006](#)

21/09/2007 - [A crise imobiliária estadunidense e seus reflexos](#)



Atentado ao presidente timorense

Resenha
Segurança
Marina Robespierre
25 de fevereiro de 2008

O presidente do Timor Leste, José Ramos-Horta, sofreu atentado supostamente provocado por soldados leais ao seu principal rival político, Alfredo Alves Reinado.

No dia 11 de fevereiro de 2008 durante a madrugada, o presidente do Timor Leste, José Ramos-Horta, sofreu um atentado em sua residência na cidade de Dili, capital do país. Ramos-Horta, que fora eleito em maio de 2007, levou três tiros na região torácica e no estômago.

Após o atentado, o presidente que se encontrava em estado crítico, foi levado ao Royal Hospital na cidade de Darwin, Austrália. Lá foram tomados os cuidados necessários para que a saúde do presidente, que ficou muito debilitado, fosse assegurada. A recuperação de Ramos-Horta é grave, mas estável. Os médicos acreditam que no máximo dentro de duas semanas o presidente já estará de volta ao governo.

Há suspeita que os responsáveis pelos disparos tenham sido soldados leais ao comando de Alfredo Alves Reinado, ex-comandante militar no Timor. Reinado estava foragido da justiça desde 2006 e durante um tiroteio, decorrente do atentado ao presidente timorense, foi morto. A morte do ex-comandante pôs fim ao conflito político que começou há quase dois anos.

Reinado fora expulso das Forças Armadas do Timor no ano de 2006, e passou a liderar um grupo de quase 600 militares que se encontravam na mesma situação. Tal fato ocorreu quando o governo foi acusado de corrupção e de nepotismo. Além disso, os militares protestavam por melhorias no setor trabalhista, razão que

culminou no conflito. A perda de um terço dos soldados da Força Armada timorense, foi considerado o motivo da instabilidade do Timor.

O primeiro-ministro do Timor Leste, Xanana Gusmão também foi cotado como alvo de um suposto atentado, mas escapou ilesa, quando ia em direção ao Palácio do Governo. Em função dos riscos que corria, sua família foi transportada para o Palácio por motivos de segurança.

Segundo Gusmão, esses fatos ocorridos ao presidente são parte de tentativas de golpe de Estado pelos seguidores de Alfredo Reinado. O ex-militar pretendia retirar as tropas estrangeiras que se encontravam no país e promover novas eleições parlamentares. Isso porque a Constituição timorense prevê que os governantes sejam escolhidos através do sufrágio universal, secreto, direto e livre. Ramos -Horta ainda se encontra hospitalizado mas caso alguma fatalidade venha a ocorrer, novas eleições deverão ser convocadas.

De acordo com os investigadores liderados pela Polícia das Organizações das Nações Unidas (ONU), o objetivo de Alfredo Reinado não era ferir o presidente e o premiê, e sim seqüestrá-los. A suposição divulgada pela ONU minimizaria conflitos gerados pela reportagem divulgada pelo jornal australiano *The Sydney Morning Herald*. A notícia reportou informações sobre um documento que teria sido elaborado pela Frente Revolucionária do Timor Leste

Independente (Fretilin)¹, oferecendo 10 milhões de dólares a Reinado para matar os dois governantes.

Muitas entidades e governos se manifestaram contra o ataque aos governantes timorenses. Ban Ki-Moon, Secretário Geral da ONU, condenou profundamente o atentado cometido contra os dirigentes do Timor Leste, assim como o presidente brasileiro, Luiz Inácio Lula da Silva. Lula se manifestou, através de uma carta enviada ao presidente Ramos-Horta e a Xanana Gusmão oferecendo disposição em cooperar com os timorenses.

Depois do ataque, Gusmão decretou toque de recolher e estado de emergência num período de 48 horas, que foi estendido para 10 dias por ser considerado por Gusmão "do interesse do povo, para que se possa viver em paz e normalidade". A partir desse estado de emergência, Gusmão pretende conter possíveis revoltas da população civil e o fim de tensões políticas. A possibilidade de que essa intenção se concretize é maior, já que o líder da oposição, Alfredo Reinado, foi morto num tiroteio decorrente do ataque ao presidente timorense.

José Ramos-Horta recebeu, em 1996, um prêmio Nobel da Paz, juntamente com o bispo Carlos Filipe Ximenes Belo por terem lutado contra a ocupação indonésia no país, que ocorreu de 1975 até 1999, quando o país se tornou livre.

Com o estado de saúde debilitado em que se encontra o presidente José Ramos-Horta, a constituição do país estabelece que uma presidência interina seja instalada e o vice-presidente do Parlamento timorense, Vicente Guterres, assuma as funções da assembléia do Timor Leste.

O primeiro-ministro australiano, Kevin Rudd, se pronunciou a favor do governo timorense prometendo que fará de tudo para manter a segurança no país. A Austrália é o país estrangeiro que mais colabora na manutenção da paz no Timor, com mais de mil tropas e policiais. O premiê também enfatizou que as tropas australianas permanecerão no Timor enquanto for preciso.

Teme-se, depois desse atentado de tanta repercussão, que tenha alguma retaliação da população timorense simpatizante de Reinado, como também daqueles que seguem as ideologias de Ramos-Horta. Apesar do silêncio que houve nas ruas, o governo teme que a violência retorne.



Referência

Sites:

Globo

<http://www.oglobo.globo.com>

BBC Brasil

<http://www.bbc.co.uk/portuguese>

Folha Online

<http://www.folha.uol.com.br>

Último segundo

<http://ultimosegundo.ig.com.br>

Estadão

<http://estadao.com.br>

Ver Também:

26-04-2007: Eleições timorenses buscam fim da instabilidade.

¹ Frente Revolucionária do Timor Leste Independente foi fundada em 1974, na capital Dili. Tem grande suporte da população e objetiva a participação mais ativa do governo timorense, fim da discriminação racial e ofensiva contra a corrupção.

Conjuntura Internacional

Pontifícia Universidade Católica – MG

Presidente da Sociedade Mineira de Cultura: Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Grão-Chanceler: Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Reitor: Dom Joaquim Giovani Mol Guimarães

Vice-reitora: Profª. Patrícia Bernardes

Assessor especial da reitoria: Prof. José Tarcísio Amorim

Chefe de Gabinete do Reitor: Prof. Osvaldo Rocha Tôrres

Conjuntura Internacional

Chefia do Depto de Relações Internacionais: Prof. Javier Alberto Vadell

Coordenação do Curso de Relações Internacionais: Prof. Javier Alberto Vadell

Coordenação-Geral: Profª. Liana Araújo Lopes

Conselho acadêmico: Prof. Danny Zahreddine; Profa. Liana Araújo Lopes; Prof. Rodrigo Corrêa Teixeira

Membros: Anna Claudia Menezes; Ana Caroline Maia; Celeste Cristina Badaró; Diego Paes; Joana Laura Nogueira; Marina Robespierre.

Os textos aqui divulgados são de inteira responsabilidade de seus autores e não representam a opinião oficial do grupo.

Av: Itaú, 525, 2º subsolo. Prédio Redentoristas – Dom Bosco - Belo Horizonte - MG - CEP 30850-035 Tel: (31)3319-4426 email: ci@pucminas.br website: <http://www.pucminas.br/conjuntura>